

6. 11. 1954

mo também de um clima de certo "pessimismo" com relação ao terceiro leilão de conversão da dívida, que se realiza, hoje, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ).

Segundo Wiegerinck, prever os resultados do leilão de hoje constitui-se numa tarefa difícil, dado que ninguém sabe estimar, ao certo, o volume de operações que será realizado e quantos projetos de investimento participarão da disputa pelos recursos a serem convertidos. Na sua avaliação, apesar de o mecanismo de conversão da dívida ser atraente, o atual momento de indefinição política vigente no País, consequência do quadro de incertezas criado pela Constituinte, coloca o potencial investidor externo num compasso de espera com relação a decisões de

Esta queda nas cotações do papel brasileiro, na opinião do vice-presidente da área externa do Nederlandsche Middenstandsbank (NMB), no Brasil, Jordi Wiegerinck, é resultado das recentes "más notícias" quanto à não conclusão de um acordo de renegociação da dívida com os bancos credores, que permaneceu pendente, co-

mo também de um clima de certo "pessimismo" com relação ao terceiro leilão de conversão da dívida, que se realiza, hoje, na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ).

Segundo Wiegerinck, prever os resultados do leilão de hoje constitui-se numa tarefa difícil, dado que ninguém sabe estimar, ao certo, o volume de operações que será realizado e quantos projetos de investimento participarão da disputa pelos recursos a serem convertidos. Na sua avaliação, apesar de o mecanismo de conversão da dívida ser atraente, o atual momento de indefinição política vigente no País, consequência do quadro de incertezas criado pela Constituinte, coloca o potencial investidor externo num compasso de espera com relação a decisões de

investimento, o que poderá afetar, de alguma forma, o desempenho do leilão de hoje.

Para o representante do Standard Charter Merchant Bank, no País, Igor Cornelsen, ainda existe, por parte dos bancos internacionais, muita desconfiança com relação à América Latina. Por isso, quando os papéis brasileiros são cotados em alta no mercado secundário, a tendência dos bancos credores que desejam se desengajar do processo de endividamento do País é a de colocar seus títulos brasileiros a venda, o que acaba pressionando para baixo os preços destes papéis.

Cornelsen acredita que as cotações da dívida brasileira deverão voltar a subir, nas próximas duas se-

manas, para valores em torno de 56,5 a 57% dos valores de face dos papéis, quando estiver concluído o atual período de "desova de estoques" daqueles bancos que buscam uma diminuição do seu envolvimento com a dívida brasileira. Cornelsen calcula que a demanda por papéis brasileiros será "muito alta", no mês de junho, pois serão amortizadas operações de empréstimo de bancos estrangeiros a bancos brasileiros no exterior (operações 63) e deverão ser aprovados, pelo BC, alguns projetos de conversão do primeiro leilão e da lista de pedidos referente à conversão dos depósitos no BC congelados via Resolução nº 432 e Circular nº 200. Um possível acerto quanto à renegociação da dívida e a assinatura de uma carta de intenção com o Fundo

Monetário Internacional (FMI), na sua opinião, também poderão atuar como fatores altistas sobre as cotações do papel da dívida brasileira, no mercado secundário.

Para o vice-presidente da área externa do NMB, no entanto, a tendência de curto prazo da cotação dos títulos brasileiros é mais de baixa, não devendo passar, entretanto, do patamar de 52 a 53% dos valores de face dos papéis. Abaixo deste nível não haveria vendedores. Uma eventual intervenção do governo nos esquemas de conversão informal poderia, segundo Wiegnerinck, pressionar as cotações para baixo, na medida em que se reduziria a demanda existente por papéis brasileiros, os que vendem a qualquer preço, para a conversão em títulos de curto prazo. Os efeitos negativos no mercado secundário, a médio prazo, seriam os títulos brasileiros, agora, na sua avaliação, estar na faixa dos 60% sobre o valor de face.

Na opinião das instituições financeiras envolvidas com o processo de conversão da dívida via leilão, o deságio a ser verificado, hoje, na Bolsa de Valores do Rio, deverá ser menor do que o registrado no 2º leilão, que foi de 32% para a área não incentivada. Na avaliação de alguns analistas, o deságio do leilão da Bovespa poderia ter sido menor, na faixa dos 25%, caso não houvesse sido pu-

xado para cima por operações envolvendo grandes volumes de recursos.

Como depois do 1º leilão os preços dos títulos brasileiros subiram e o deságio do 2º leilão foi elevado, diminuiu o prêmio para o investidor, ou seja, reduziu-se a diferença entre o valor pago lá fora, na aquisição do título de crédito, e o valor em cruzados obtido, via conversão. O deságio deste 3º leilão vai depender, segundo os analistas, da necessidade imediata dos investidores em termos de recursos em cruzados para a realização de investimentos no País.

O sentimento geral é de que os investidores estão atuando de forma mais lenta em termos de opção de investimento no País, aguardando maior definição do quadro político, diante da perspectiva de rearranjo dos trabalhos da Constituinte. Neste contexto, decisões de investimento podem ser retardadas, sob o risco de pressão por deságio do mercado financeiro.

lizadze

BOLSA5 TRENDING

Expectativa com CMN retrai o mercado mineiro

**por Teresa Cristina de Paula
de São Paulo**

O mercado mineiro de